



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

### O CAPITAL CULTURAL NO *CURSUS* DE GLAUBER ROCHA

Glauber Brito Matos Lacerda\*  
(UESB)

Milene de Cássia Silveira Gusmão\*\*  
(UESB)

#### RESUMO

Pierre Bourdieu concebe a escola como um instrumento de reprodução das desigualdades sociais. Por este prisma, a idéia de “escola libertadora” cai por terra. O êxito depende mais do investimento de capital de capital (social, econômico e cultural) no estudante desde o berço do que da ação escolar. A partir da noção de capital cultural bourdieusiana e dados biográficos sobre o *cursus* – vida escolar – de Glauber Rocha, este trabalho investiga se a aplicação desta modalidade de capital na educação de Rocha contribuiu para que ele se tornasse um cineasta de renome. E, por conseguinte, se o capital cultural acumulado por Rocha foi convertido em capital econômico, fazendo com que o artista reproduzisse os padrões econômicos familiares, conforme teoriza Bourdieu.

**PALAVRAS-CHAVE:** Pierre Bourdieu; Glauber Rocha; Educação.

---

\*Graduado em Comunicação Social/Jornalismo na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. O autor é vinculado ao grupo de pesquisa *Cultura, Memória e Desenvolvimento* no curso de especialização *Educação, Cultura e Memória* do Museu Pedagógico Padre Palmeira em Vitória da Conquista (BA).

\*\*Orientadora. Milene Gusmão é doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Estado Bahia. Atualmente, leciona a disciplina *Memória, Cultura e Desenvolvimento*, no curso de especialização *Educação, Cultura e Memória* do Museu Pedagógico Padre Palmeira em Vitória da Conquista (BA).



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

### INTRODUÇÃO

Pierre Bourdieu, ao dialogar com o princípio de capital de Karl Marx e com os estudos pioneiros de Max Weber em torno da sociologia da cultura, transcendeu o economicismo que norteia os conceitos marxistas, subdividindo o capital em três categorias: econômico, social e cultural. Bourdieu passou a aplicar esta nova divisão como ferramenta metodológica dos seus estudos em sociologia da educação, dando notoriedade para esta área das ciências sociais a partir da década de 60 do século passado. É importante frisar que, ao incrementar a idéia de capital, o sociólogo francês mantém o caráter reprodutivista intrínseco às teorias marxistas<sup>446</sup>. Portanto, a escola, sob o prisma de Bourdieu, reproduz as estruturas sociais, favorecendo as classes hegemônicas, divergindo assim da visão funcionalista de Durkeim que concebe a escola como um instrumento que tem a função de formar cidadãos e, por conseguinte, manter a harmonia social. Segundo Bourdieu (1998a, p. 41):

É provável por um efeito de inércia cultural que continuamos tomando o sistema escolar como um fator de mobilidade social, segundo a ideologia da “escola libertadora”, quando, ao contrário, tudo tende a mostrar que ele é um dos fatores mais eficazes de conservação social, pois fornece a aparência de legitimidade às desigualdades sociais e sanciona a herança cultural e o dom social tratado como dom natural.

Ao passo que o sociólogo desconstrói a idéia de uma “escola libertadora”, isto é, capaz de dar igualdade de oportunidade a todos, ele acaba por subverter a idéia de “dom natural”, pois a atribui, em grande parte, ao capital social, ou seja, os laços de influência da família do aluno na sociedade, e ao capital cultural que se entende como

---

<sup>446</sup>Conforme anotações das aulas da disciplina Fundamentos Sociológicos da Educação, ministrada pela professora Dr<sup>a</sup> Livia Diana Rocha Magalhães, durante os dias 26, 27 e 28/03/2009.



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

a “herança cultural” advinda do próprio seio familiar. A partir destes mecanismos, Bourdieu constrói suas teorias que expõe a escola como uma instância mantenedora das desigualdades sociais.

A desigualdade entre os alunos se inicia desde o momento que os mesmos ingressam na vida escolar, pois trazem consigo uma bagagem cultural, fruto do investimento familiar, que diferencia uns dos outros. Portanto, o capital cultural, em Pierre Bourdieu (1998b, p. 73),

(...) impôs-se, primeiramente, como uma hipótese para dar conta da desigualdade de desempenho escolar de crianças provenientes das diferentes classes sociais, relacionando o “sucesso escolar”, ou seja, os benefícios específicos que as crianças das diferentes classes e frações de classe podem obter no mercado escolar, à distribuição do capital cultural entre as classes e frações de classe.

Partindo desta definição de Bourdieu, o presente artigo investigará se a noção do sociólogo acerca da transmissão de capital cultural – considerando os três estados que ele o atribui: incorporado, objetivado e institucionalizado – explica se o investimento de capital cultural realizado pela família do cineasta Glauber de Andrade Rocha, no *cursus*<sup>447</sup> do artista, foi responsável pelo destaque<sup>448</sup> dele na vida escolar e, por conseguinte, a incursão no mundo do cinema, tornando-se um dos cineastas mais notáveis do Brasil. Ao final, analisar-se-á se, em decorrência dos investimentos recebidos, Glauber Rocha manteve o nível econômico da família. As biografias escritas por João Carlos Teixeira Gomes (*Glauber Rocha esse vulcão*) e

---

447 Bourdieu usa o termo em latim – *cursus* – para definir todo o percurso escolar de um indivíduo.

448 Mesmo não alcançando boas médias – segundo Teresa Ventura (1998, p. 31), “suas notas finais não ultrapassavam 6,5” – Glauber Rocha demonstrou talento para a escrita desde tenra idade, o que lhe rendeu prestígio com os professores. Para se ter uma idéia, aos 9 anos de idade, Rocha escreveu e montou sua primeira peça de teatro, *El Hilito de oro*, com o apoio do então diretor do Colégio Dois de Julho, Peter Garret Baker.



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

Tereza Ventura (*A poética polytica de Glauber Rocha*) serviram como fontes dos dados biográficos de Rocha.

### **A incorporação de capital cultural**

Pierre Bourdieu concebe capital cultural em estado incorporado como a parcela da “herança cultural” que o indivíduo absorve, desde o berço, por meio de uma relação íntima entre o próprio corpo e suas vivências, podendo ser estas as relações afetivas entre os familiares, a transmissão oral de conhecimentos, as leituras, entre outras. Trata-se de um estado de capital intransferível. Todavia, o acúmulo pretérito de capital cultural da família possibilita ao indivíduo um ambiente natal propício para se acumular. Em linhas gerais, Bourdieu (1998b, p.75) define o capital cultural em estado incorporado como “um ter que tornou ser, uma propriedade que se fez corpo e tornou-se parte integrante da pessoa”. Esta espécie de capital cultural se acumula constantemente.

Glauber Rocha nasceu em um universo familiar que o favoreceu na incorporação de capital cultural. Neto de um grande fazendeiro conquistense, Antônio Vicente Andrade, e filho de uma amante da literatura, Lúcia Andrade Rocha, ainda criança, ele teve acesso a livros e incentivo a incursionar no mundo literário, como destaca João Carlos Teixeira Gomes (1997. p. 4):

Em Vitória da Conquista, Glauber já revelava preocupações que não eram comuns num menino da sua idade: aos 5 anos, ao lado de ler intensamente tudo aquilo que lhe caía nas mãos (desde *O Gibi* e *O Globo Juvenil*, coqueluche das crianças da época, até romances de autores consagrados), gostava de passar longas horas ouvindo rádio e especialmente novelas, fato que teria vitais desdobramentos na sua vocação para o teatro e para o cinema.



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

Por outro lado, o pai de Glauber Rocha, Adamastor Bráulio Rocha, era um pequeno e ambicioso empreiteiro, oriundo do sul da Bahia, que chegou em Vitória da Conquista na segunda metade da década de 30 do século passado, com o intuito de fazer fortuna. No entanto, o sonho foi interrompido quando, aos 48 de idade, sofreu um acidente que o deixou inválido. Lúcia Rocha, desde então, assumiu a liderança da família. Em relação ao único filho homem do casal, Tanto Lúcia quanto Adamastor Rocha sonhava que Glauber se tornasse um advogado, afinal era uma profissão de *status* e possibilitava uma vida econômica equilibrada (GOMES, 1997).

Glauber Rocha era muito próximo à mãe. Segundo relato de Lúcia Rocha<sup>449</sup>, foi ela mesma quem o alfabetizou a partir de um pedido dele: “Me ensine a ler e escrever e deixe o resto comigo”. Assim Lúcia Rocha o fez. Alfabetizou o filho e ofereceu-lhe leituras que ele foi incorporando e acumulando, em forma de capital cultural, com o decorrer do tempo. A coleção de livros de Lúcia Rocha era um dos principais entretenimentos do pequeno Glauber nos primeiros anos de vida. Paralelo a isto, o menino se divertia no cinema onde ia assistir a filmes – geralmente, acompanhado pela mãe ou pelo tio Cid Andrade. O *western* era seu gênero fílmico predileto, formato que o influenciaria em toda sua produção fílmica (VENTURA, 2002).

Os livros, o cinema e as radionovelas podem se enquadrar dentro do que Bourdieu classifica como capital cultural objetivado, isto é, o capital cultural em seus suportes físicos, podendo citar outros exemplos como pintura, monumento e coleção de discos. Enquanto o capital cultural incorporado não pode ser herdado, visto que se trata do investimento do investidor em si próprio, o *objetivado* pode ser transmitido, todavia, com uma ressalva. Só é transmissível, como observa Bourdieu (1998b, p. 77), “a propriedade jurídica e específica”. Portanto, apesar de as coleções de livros de Lúcia Rocha, o cinema e as novelas de rádio terem servido a Glauber Rocha como

---

449 Entrevista com Dona Lúcia Rocha realizada pelo autor no dia 07/04/2009 na sede do Tempo Glauber. Rio de Janeiro (RJ).



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

capital cultural objetivado, foi necessário que o próprio Rocha incorporasse este capital desde cedo, e assim destacou-se dentre os demais colegas de escola, tornando-se notável pelo talento para dramaturgia que apresentou desde criança, e, na medida em que se acumulava capital cultural, a habilidade com as palavras foi se aprimorando. A precocidade da acumulação de capital cultural, partindo de uma leitura da obra de Bourdieu, favoreceu na peculiar desenvoltura de Rocha em meio aos seus contemporâneos, pois o sociólogo afirma que

(...) a apropriação do capital cultural objetivado (...) depende, principalmente, do capital cultural incorporado pelo conjunto da família – por intermédio, entre outras coisas, do efeito Arrow generalizado<sup>450</sup>, e de todas as formas de transmissão implícita. Sabe-se, por outro lado, que a acumulação rápida e fácil de toda espécie de capital útil – só começa desde a *origem*, sem atraso, sem perda de tempo, pelos membros das famílias dotadas de um forte capital cultural; nesse caso, o tempo de acumulação engloba a *totalidade* do tempo de socialização. (BOURDIEU, 1998b: 76)

Portanto, a reflexão de Bourdieu sobre a transmissão de capital cultural pode ser utilizada para compreender o que aconteceu na formação de Rocha. *A priori*, observa-se o ambiente familiar dele, fortemente influenciado pelo gosto literário da mãe e, em seguida, a precocidade de sua habilidade para dramaturgia, o que pode ser compreendido como um investimento que se inicia “desde a origem”, ou seja, “sem atraso”.

Feita esta breve análise sobre a incorporação de capital cultural por Glauber Rocha, partir-se-á para os reflexos dos investimentos no *cursus* de Glauber Rocha, isto é, na vida escolar dele.

---

450 Bourdieu (1998: 76) define “Arrow” generalizado como “o fato de que o conjunto de bens culturais, quadros, monumentos, máquinas, objetos trabalhados e, em particular, todos aqueles que fazem parte do meio ambiente natal, exerce um efeito educativo por sua simples existência.



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

Apesar da aproximação de Glauber Rocha com as letras ter começado muito cedo, ele não tinha muita simpatia com a escola, pelo contrário. Lúcia narra<sup>451</sup> um episódio quando Rocha tinha apenas sete anos, ainda em Vitória da Conquista, em que ele discordou de uma explicação da professora e pegou suas irmãs mais novas que estudavam na mesma escola e retornou para casa por conta própria.

Em Salvador, o primeiro estabelecimento que Glauber Rocha estudou foi o Colégio Dois de Julho, uma escola elitista dirigida por um casal de norte-americanos protestantes que impunham normas rígidas para os alunos, o que provocou conflito com o temperamento de Rocha. Segundo Gomes (1997, p. 23), “Muitos anos depois, afirmaria que jamais havia aprendido inglês como uma forma de manifestar o seu repúdio aos regulamentos e normas existentes no Dois de Julho, que lhe incutiam uma profunda aversão ao puritanismo e à disciplina”.

Mesmo mostrando-se avesso ao regime da escola, Glauber Rocha despertou a atenção dos professores, principalmente do diretor da escola, Mr. Baker. Este descobriu uma peça – a já citada *El Hilito de oro* – que o menino havia escrito e resolveu ajudá-lo a montá-la, dando notoriedade ao pequeno escritor diante da comunidade escolar.

Ao passo que Glauber ia ganhando a admiração dos professores, a família continuava a investir capital cultural nele. Dona Lúcia Rocha chegou a abrir uma conta na Livraria Civilização Brasileira, em Salvador, dando a Glauber o direito a uma cota mensal de livros. Aos 14 anos de idade, em carta enviada para um dos tios, Wilson Andrade, que morava em Vitória da Conquista, o futuro cineasta já demonstrava ter um vasto capital cultural incorporado para um adolescente. Glauber dizia ter lido Érico Veríssimo, Edgar Allan Poe, Jorge Amado; além de filósofos, como Nietzsche e Schopenhauer (GOMES, 1997).

---

451Entrevista com Dona Lúcia Rocha realizada pelo autor no dia 07/04/2009 na sede do Tempo Glauber. Rio de Janeiro (RJ).



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

A correspondência demonstra o quão próximo Glauber Rocha era da família. O teor das discussões, por sua vez, implica que a proximidade ativa o que Bourdieu (1998b, p. 76) trata como efeito *Arrow generalizado*, ou seja, “todos aqueles que fazem parte do meio ambiente natal, exerce um efeito educativo por sua simples existência”; por assim dizer, o tio Wilson Andrade, tendo este tipo de conversa com o sobrinho, o incentivava a incorporar mais capital cultural.

Na mesma época em que escreveu esta carta para o tio, Glauber Rocha estava de mudança do Colégio Dois de Julho para o Colégio Estadual da Bahia, seção Central (mais conhecido apenas como Central). Foi o período em que a militância no campo teatral se intensificou. O Central ofereceu a Glauber Rocha uma liberdade de criação nunca experimentada até então. Muitos dos amigos feitos no colégio se destacariam nas artes. É o caso do artista plástico Calazans Neto e do também cineasta Orlando Senna. A escolha de Glauber Rocha pelo Central, segundo Gomes, foi devido ao momento áureo que a instituição passava, com professores freqüentes nas rodas de intelectuais de Salvador, tendo alguns desses exercido o magistério universitário. Outro motivo que o levou para a escola foi o fato de ali estudar, em boa parte, os filhos da classe média soteropolitana, seguimento que ele pertencia.

A efervescência cultural do Colégio Central foi fundamental para despertar o Glauber Rocha cineasta. Gomes (1997) pontua três pontos fundamentais para isto: a criação, pelos alunos, da revista cultural *Mapa* que contou com a colaboração de muitos artistas e intelectuais consagrados; uma série de cinco espetáculos teatrais, intitulado de *As Jogralescas*, em que os estudantes interpretavam poemas de escritores modernistas; e, por fim, a criação da *Sociedade Cooperativa de Cultura Cinematográfica Yemanjá*, em que Rocha foi um dos mentores.

Em meio a colegas da mesma idade que tinham interesse em comum, a paixão de Rocha pela literatura e pelo cinema se intensificou, na medida em que ele foi se



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

destacando entre os colegas. Na primeira edição da revista *Mapa*, em julho de 1957, Glauber Rocha escreveu o artigo “O western: uma introdução ao estudo gênero e do herói”, que Gomes (1997, p. 33) classificou como “a mais importante das colaborações”. No texto, Rocha deu provas do capital que cultural que vinha incorporando desde as matinês de cinema em Vitória da Conquista, acrescido das inúmeras leituras que fazia sobre o tema. Logo, os membros daquela que passou a ser conhecida como *Geração Mapa* ganharam a admiração e apoio dos professores do Central, conforme relata Gomes(1997, p. 46):

Alguns professores do colégio Central fizeram amizade com o grupo *Mapa* e tiveram influência na sua formação cultural , não apenas dentro, mas também fora das salas de aula, apoiando os projetos e as realizações dos integrantes da geração que ali estudavam. Tal foi o papel dos professores Antônio Luís Machado Neto, jovem mestre que se destacava pelos seus conhecimentos e estudos sobre sociologia e filosofia, Waldir Freitas Oliveira, Antônio Barros, Rui Simões e Walfrido Morais, este último estudioso da realidade social e geográfica do interior baiano, tendo prestado a Glauber informações para a realização dos seus filmes. Muito ligados à geração foram também o professor e crítico de arte Pedro Moacir Maia e o antropólogo Vivaldo Costa Lima(...), além de um jovem e já erudito mestre, João Eurico Matta, bem próximo, pela idade, dos rapazes de *Mapa* e com eles culturalmente identificado.

O capital econômico da família Rocha, além de proporcionar ao filho as vivências culturais citadas e o capital cultural objetivado para ser incorporado, permitia que Glauber Rocha ficasse sem trabalhar, já que não precisava contribuir com o orçamento doméstico. Isto, certamente, possibilitava maior tempo livre para incorporar e acumular capital cultural, conforme observa Bourdieu (1998b. p. 76)

(...) o tempo durante o qual determinado indivíduo pode prolongar seu empreendimento de aquisição depende do tempo livre que sua família pode lhe assegurar, ou seja, do tempo liberado da necessidade



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

econômica que é a condição da acumulação inicial (tempo que pode ser avaliado como tempo em que se deixa de ganhar).

Desta maneira, se dedicava a fazer muitas leituras e a escrever.

Ainda em 1957, Glauber Rocha, a fim de atender o desejo dos pais, ingressou na Faculdade de Direito da Universidade Federal da Bahia (GOMES, 1997). A profissão de advogado daria o *status* para Rocha se manter no mesmo nível sócio-econômico dos pais ou, até mesmo, ascender para classes mais abastadas. Seguindo a esta lógica, o investimento cultural que a família havia aplicado em Glauber Rocha se materializaria num diploma. Bourdieu define os certificados alcançados no *cursus* como *capital cultural institucionalizado*. Este estado do capital cultural, ao contrário do *incorporado*, não se contém aos limites biológicos do possuidor, pois é avaliado por um título com um valor convencional que permite “estabelecer taxas de convertibilidade entre o capital cultural e o capital econômico garantindo o valor em dinheiro de determinado capital escolar” (BOURDIEU, 1998b, p. 78).

Contudo, quando ingressou na Faculdade de Direito, Glauber Rocha já estava envolvido com as atividades cinematográficas de Salvador. Era pouco freqüente nas aulas e desistiu do curso. Um de seus colegas de sala, Nelson Sampaio, narra um episódio curioso que aconteceu com Rocha nesta época (GOMES, 1997, p.78). Acontecia uma aula de Teoria Geral do Estado e Glauber Rocha estava assistindo da janela, ou seja, do lado de fora da sala. O professor pediu-lhe para entrar e ele o recebeu: “Professor, desculpe, meu negócio é cinema!”. O mestre logo retrucou: “Cinema é devoção, mas direito, aqui, é obrigação!”. O estudante, então, foi saindo à francesa.

A desistência da faculdade causou muitos conflitos entre Glauber Rocha e o pai. Adamastor queria que o filho ascendesse economicamente, mas Rocha não demonstrou ter este interesse no transcórre da vida. Pelo contrário, enquanto



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

muitos produtores e diretores de cinema faziam fortunas, o cineasta passava por muitas dificuldades financeiras, o que o levava a repetir sempre uma frase: “Sou famosíssimo, mas paupérrimo” (GOMES, 1997, p. 18). Portanto, não se pode afirmar que Glauber Rocha reproduziu os padrões econômicos da classe social em que sua família se encaixa, pois, embora não fossem ricos, os Rocha tinha uma vida econômica equilibrada, ora pela herança deixada pelo avô de Glauber Rocha, Antônio Andrade, ora pela ascensão social de Adamastor Rocha vinha experimentando até ser vitimado pelo acidente.

Se no campo econômico Glauber Rocha não foi bem sucedido, o mesmo não se pode dizer com o cinema. Aos 20 anos lançou seu primeiro curta-metragem, *O Pátio* (1959), e continuou filmando até perto sua morte, em 1981. Rocha conquistou premiações importantes no cinema, como a de “Melhor Diretor” no Festival de Cannes em 1969, quando apresentou o filme *O Dragão da maldade contra o santo guerreiro*.

As informações bibliográficas sobre Glauber Rocha demonstram que sua família não aplicou somente capital cultural, como foca este *paper*, mas também capital social e econômico, o que possibilitaria a Glauber reproduzir os padrões econômicos de sua família, visto sob a óptica bourdieuiana. Todavia, as teorias de Bourdieu sobre a transmissão de capital não explicam, satisfatoriamente, o porquê de Rocha não ter mantido estes padrões e até mesmo o fato de ele não ter ascendido economicamente. Ao analisar a transmissão de capital e seus efeitos na escola, o sociólogo deixa várias lacunas ao utilizar o conceito de classe social como critério de diferenciação dos grupos familiares segundo suas práticas escolares. Assim, Bourdieu negligencia as peculiaridades de cada família, o que o faz alvo de críticas:

Percheron (1981), por exemplo, através de pesquisa realizada com famílias pertencentes às diversas classes sociais, conclui que certas atitudes em relação à educação dos filhos (valorização da submissão, do esforço ou da autonomia; rigorismo ou liberalismo educacional)



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

variam não tanto em função da classe ou fração de classe, mas, sim, de outros fatores mais ou menos independentes em relação à divisão em classes. A autora destaca, especialmente, a trajetória ascendente ou descendente do grupo familiar (e não necessariamente da classe), o nível educacional, o meio rural ou urbano e a postura mais ou menos conservadora e religiosa de cada família. As diferenciações estabelecidas a partir desses critérios não poderiam ser reduzidas àquelas definidas a partir do critério de classe. Assim, por exemplo, as famílias em trajetória ascendente, com um nível educacional mais alto, que vivem no meio urbano e que são menos religiosas (ou menos conservadoras) tenderiam a adotar uma postura mais liberal na educação dos filhos, qualquer que seja a categoria socioprofissional dos pais. Tenderíamos a ter, então, dentro de uma mesma classe ou fração de classe, famílias com um comportamento bastante diferenciado em matéria de educação. Inversamente, teríamos famílias de classe sociais diferentes que adotariam certas atitudes educacionais similares. (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2002, p. 26-27)

Tomando como base as reflexões supracitadas, e observando que Glauber Rocha teve evidentes oportunidades – por meio do capital cultural que recebeu na escola e na família. Percebe-se, por outro lado, que peculiaridades individuais e familiares levaram Rocha a traçar um percurso inesperado, quando se toma como base os estudos de Bourdieu. Talvez a educação liberal – principalmente por parte da mãe que incentivava sua inclinação para as artes – foi a principal motivação para suas escolhas. Contudo, trata-se de um tema que carece de mais estudos, utilizando outros autores que contrapõem a Pierre Bourdieu, no que tange à relação da escola com o reprodutivismo social.

### CONCLUSÕES

Enfim, a idéia de Bourdieu que a escola é um instrumento que reproduz as estruturas – e, portanto, desigualdades sociais – não se aplica integralmente quando



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

se analisa a relação existente entre o investimento em capital cultural aplicado em Glauber Rocha durante sua vida escolar. Se por um lado, o capital cultural incorporado pelo artista, revelado na notoriedade que teve na escola, favoreceu que ele se tornasse um cineasta de renome, por outro, não o serviu para reproduzir os padrões econômicos da família.

O tema abordado neste artigo será revisitado futuramente, utilizando outros autores para investigar os motivos pelos quais Rocha não deu continuidade às condições econômicas familiares.

### REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. *A escola conservadora: as desigualdades frente á escola e á cultura*. In: CATANI, Afrânio; NOGUEIRA, Maria Alice (org.). *Escritos de Educação*. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 39-64.
- BOURDIEU, Pierre. *Os três estados do capital cultural*. In: CATANI, Afrânio; NOGUEIRA, Maria Alice (org.). *Escritos de Educação*. Petrópolis: Vozes, 1998a, p. 71-79.
- GOMES, João Carlos Teixeira. *Glauber Rocha esse vulcão*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997, 635p.
- VENTURA, Tereza. *A poética polytica de Glauber Rocha*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Funarte, 2000.
- NOGUEIRA, Maria Alice; Nogueira, Cláudio Marques Martins. *A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: Limites e Contribuições*. Educação & Sociedade. Ano XXIII, nº 78; p. 15-35.